

A LITERATURA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO: MARCAS DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA NA OBRA *TANTÃ*

Jéssica de Barros Franciscati¹

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é a apresentação da narrativa intitulada *Tantã*, da escritora francesa Marie-Aude Murail, escrita em 2009 e publicada no Brasil em 2011, pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE. Este artigo está dividido em três momentos; A princípio descreverá, ainda que superficialmente a obra acima citada. Logo após abordaremos o conceito de mimesis e a representação da realidade por meio da escrita da autora e a relevância dessa representação literária para o público portador de deficiência mental. Finalizaremos expondo as marcas do romance contemporâneo, por meio da fala do narrador de *Tantã*.

Palavras-chave: Deficiência Mental, Representação. *Tantã*.

ABSTRACT

The main purpose of this article is the presentation of the narrative entitled *Tantã*, the French Marie-Aude Murail writing, written in 2009 and published in Brazil in 2011, the National Program of the School Library - PNBE. This article is divided into three stages;The principle describe, although superficially the work cited above. Soon after we discuss the concept of mimesis and the representation of reality by writing the author and the relevance of literary representation to the bearer of public mental disabilities. Finalize exposing the marks of contemporary romance, through the narrator speaks of *Tantã*.

Keywords: Mental Disability. Representation. *Tantã*.

1 INTRODUÇÃO

A proposta que inaugura o presente artigo surgiu a partir da necessidade de representação de pessoas portadoras de deficiências. Muito embora nosso protagonista apresente limitações intelectuais, nosso objetivo é tratar da representação de todos os outros portadores de deficiência como um todo.

A ideia de escrever sobre *Tantã* nasceu do desejo de divulgar vida e obra deste “ilustre desconhecido” que tão bem retrata as pessoas portadoras de algum tipo deficiência,

¹ Mestranda em Literatura e Práticas Culturais pela UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Contato: jessicafranciscatti@hotmail.com.

haja vista a escassez de materiais publicados sobre o assunto e, conseqüentemente o baixo reconhecimento de obras nesse sentido.

A leitura da obra de Marie Aude-Murail vem corroborar certa função representativa da literatura, uma vez que o leitor proveniente das mesmas particularidades de seu protagonista, bem como todos os que o cercam, identificam-se com o universo descrito em sua obra literária. Assim, acreditamos que essa literatura cumpre, também, um papel relevante para a formação do homem, visto o seu caráter histórico e cultural.

O artigo que se apresenta é um retrato privilegiado de pessoas que partilham do nosso meio social e que por tantas vezes não se fazem ver ou a sociedade finge não perceber. Diante disso, o que se propõe é uma reflexão sobre a valorização dos indivíduos em suas particularidades, não com olhar apenas condescendente, mas, sobretudo, encarados com dignidade e igualdade.

2 DA FRANÇA PARA O BRASIL, TANTÃ: BREVE APRESENTAÇÃO

Os estudos realizados especialmente a partir da década de 70, do século XX, foram fundamentais para a o reconhecimento do estatuto artístico da literatura infantil e influíram de forma decisiva para a compreensão do vazio que se abria em relação ao estabelecimento de um “específico juvenil”, traços que se apresentam em obras que ocupam espaços entre aquelas voltadas às crianças e a literatura destinada a adultos. Editoras, instituições literárias (Prêmios da FNLIJ, Prêmio Jabuti, entre outros) e autores empenham-se no fortalecimento de distinções entre as obras anteriormente designadas de forma genérica como “infantojuvenil”. O mercado editorial volta-se a esse público, oferta produções diferenciadas, com grande quantidade de publicações, configurando-se o que Bourdieu denomina campo literário autônomo, que “atrai e acolhe agentes muito diferentes entre si por suas propriedades e suas disposições” [BOURDIEU, 1996, p. 256] (PENTEADO, 2011, p. 01).

Esse estudo nasce por meio das leituras semeadas pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE, onde nos deparamos com as peculiaridades do mundo juvenil, enfatizadas pelo nosso protagonista Tantã, e da inquietação de possibilitar a representação de pessoas com deficiência mental por meio de nossas obras literárias, haja vista a escassa publicação de produções nesse sentido. Uma pesquisa rápida na internet revela a nova tendência vigente: filmes estrelados por deficientes físicos e mentais, em sua maioria portadores de Síndrome de Down; mas, no que tange as produções literárias com este repertório, sua

avassaladora maioria ficam a cargo das demais áreas do conhecimento como a saúde, a pedagogia e a ciência.

A compreensão da natureza e a função da narrativa juvenil leva à abordagem de obras significativas na produção brasileira contemporânea, que configurem, tanto no plano temático como no formal, seu estatuto artístico e a pluralidade de enfoques que as constituem. A partir de um corpo de obras selecionadas, além dos temas e das situações em que se movem as personagens, observa-se que “juventude” está representada nas narrativas e como seus conflitos se manifestam nas diferentes narrativas (PENTEADO, 2011, p.02).

100

Nossa fala se inicia por meio das palavras de Martha Alice Áurea Penteado. Seu discurso vem corroborar o *corpus* desse estudo que trata das produções literárias voltadas ao público jovem. No que concerne à literatura e às áreas de deficiência, os portadores de restrições visuais, possuem o maior acervo destinados a eles e ocupam majoritariamente o *ranking* com cento e setenta e nove obras publicadas mundialmente², as demais obras são protagonizadas por personagens que em sua maioria tem alguma deficiência motora nas pernas e nos pés ou má formações nos membros também inferiores e são antiguíssimos datados entre 1700 a 1800, entre eles *O corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo, publicado em 1831, clássico da literatura mundial.

Hodiernamente “Era uma vez um Conto de Fadas Inclusivo” reúne 11 livros, com textos e ilustrações de Cristiano Refosco e *design* gráfico de Leandro Selister. As histórias são inspiradas nos clássicos contos de fadas apresentados em uma versão diferenciada, onde os personagens principais possuem algum tipo de deficiência³.

No entanto, não há protagonistas com deficiência mental, com exceção de *Tantã*, de Marie-Aude Murail, destinada ao público jovem, a qual integra o acervo de 2011 do PNBE.

A pensar nos direitos que todos nós, enquanto cidadãos, temos, germina a inquietação da falta de representação na literatura para esse público e como ela pode auxiliar essas pessoas na sua formação enquanto leitoras:

² Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-29/pessoas-com-deficiencia-representam-24-da-populacao-brasileira-mostra-censo> Acesso em: 02 nov. 2013.

³ Disponível em: <http://www.prograd.uff.br/sensibiliza/colet%C3%A2nea-re%C3%BAne-contos-de-fada-com-protagonistas-deficientes> Acesso em: 25 jan. 2014.

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e auto educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (CANDIDO, 1995, p.172).

Por acreditarmos que a literatura seja um canal de transformação social, bem como de denúncia e representação, nosso protagonista ganha espaço e voz fugindo dos padrões convencionais apresentados pelas demais obras do PNBE.

A pensarmos nas necessidades do nosso próximo e em consonância aos estudos expostos até aqui, surge à necessidade de iniciarmos essa escrita apresentando à escrita de Marie-Aude Murail, autora francesa, da obra *Tantã, corpus* de nosso estudo que em 2008 em sua versão alemã recebeu o *Deutscher Jugendliteraturpreis*, Prêmio Alemão de Literatura Juvenil, haja vista sua pequena propagação.

Barnabé Maluri, nosso protagonista, é um jovem de vinte e dois anos, cuja mentalidade é de uma criança de apenas três anos e como tal, sente medo, insegurança e uma vontade imensa de descobrir o mundo.

Tais características tão comuns a qualquer pessoa ganham ênfase na vida de Barnabé, uma vez que ele é deficiente mental. Por fora um grande homem, por dentro um pequeno menino. Tantã, como é carinhosamente chamado por Kleber, seu irmão mais novo de dezessete anos, a quem compete seus cuidados, tem seu mundo todo apoiado na coragem do irmão, um jovem adolescente que abdicara sua vida em prol do irmão.

Após a morte da mãe, o pai de Kleber, decide refazer sua vida com outra mulher e julga que Tantã seja um fardo muito pesado a ser carregado. Sem a presença da mãe e a indiferença do pai, Kleber sente-se na obrigação de tomar os cuidados do irmão para si, sendo muitos os desafios enfrentados por ele para manterem-se próximos: Tantã, bem como as crianças 'de sua idade' julga-se autossuficiente em determinadas situações, bem como pequeno demais para outras; gosta de inventar novas palavras e novos significados para as já existentes.

Palavras como *vervóler* (revólver), *remédico* (remédio), *tefelone* (telefone), e *homininhos* (homenzinhos que para ele moram dentro dos aparelhos eletrônicos, cuja função é fazerem as “luzes brilharem”) apenas para citar algumas, fazem parte do vocabulário habitual de Tantã, e conseqüentemente, do cotidiano de Kleber. Não bastasse todos os obstáculos enfrentados pelos irmãos, estes se veem desabrigados. Por infortúnio do destino Kleber, após inúmeras tentativas de alugar uma casa para morarem juntos, depara-se com um anúncio de jovens em busca de companheiros para uma república estudantil, o que para o irmão caçula seria ideal, pois ratearia as despesas com os demais, haja vista que sobrevivia da pensão deixada pela falecida mãe. Mas aceitariam Tantã? Seriam solidários as suas necessidades? E Tantã? Adaptar-se-ia?

A admissão dos irmãos Maluri na república dos amigos, Corentin e Enzo e do casal de namorados Ária e Emmanuel, concede-nos espaço para inúmeras discussões.

Está a sociedade em pleno século XXI adaptada realmente as diferenças? E no que tange o contexto escolar e juvenil está preparado para estes jovens? Para Olga Maria Bastos e Suely Ferreira Deslandes⁴:

A participação nas atividades diárias estaria sendo privilegiada em detrimento das intervenções que focalizariam, principalmente, a promoção da independência. Entretanto, para a maior parte dos adolescentes do nosso país, não é esta a realidade encontrada; eles precisam se ajustar às exigências sociais, em uma sociedade que em nada favorece esta adaptação. (BASTOS; DESLANDES, 2013, p.11).

Para as estudosas, jovens como Tantã não encontram o espaço e a aceitação necessária na sociedade. No entanto, a literatura enquanto representação de dores, angústias, alegrias e tantos outros sentimentos diversos que todos sentimos, pode ser instrumento para compreensão e melhor aceitação desses indivíduos. E, por quantas vezes, assim como Ária (moradora da república para onde os irmãos se mudam), acreditamos que indivíduos como Tantã, por sofrerem de algum tipo de limitação, não possuem os mesmos sentimentos que os ditos ‘normais’ sentem?

⁴ Possui mestrado em Ciências, pela Pós Graduação em Saúde da Mulher e da Criança do Instituto Fernandes Figueira (IFF)/ Fundação Oswaldo Cruz (1996) e doutorado também em Ciências pela mesma Pós -Graduação (2005). É pediatra, com área de atuação em Medicina de Adolescentes.

No decorrer de sua estória, Murail traz na fala de seu protagonista, questionamentos pertinentes à morte, à vida e, curiosidade sobre garotas ao despertar para uma sexualidade que pressupomos anuladas em jovens como ele.

A literatura em seu caráter denunciador expõe nossos medos, preocupações e preconceitos por meio de livros como *Tantã*. Ele não está entre os clássicos, nem tão pouco no ápice das listas dos *best sellers*, mas vai além, por que revela aquilo que a todo tempo fingimos não ver.

Em um mundo que cresce em velocidade frenética, repleto de desamores e desventuras a literatura nos garante a fruição necessária para alimentarmos nossas almas por que a realidade não basta.

3 A ARTE REPRESENTANDO A VIDA: A MÍMESIS E A RELEVÂNCIA DE BARNABÉ EM *TANTÃ*

A mesma marca deve ser conservada na tradução de mimese: quer se diga imitação, quer se diga representação (como dizem os últimos tradutores franceses), o que é preciso entender é a atividade mimética, é o processo ativo de imitar ou representar. É preciso, pois, entender a imitação ou representação no seu sentido dinâmico de produzir a representação, transposição em obras representativas (RICOEUR, 1994, p.58).

Por acreditar que uma única vida não seja suficiente, a literatura nos proporciona descobrir novas possibilidades de viver. Desfrutar das relações de outridade como uma espécie de degustação da vivência do outro e seguirmos com nossa própria história. A epígrafe que inicia esse subitem descreve o conceito de mimesis proposto por Aristóteles (RICOEUR, 1994, p.59); Paul Ricoeur emprega o conceito mimético de modo dinâmico em obras representativas.

Para Antônio Candido, a criação literária repousa sobre esse paradoxo: representar o real por meio de uma ficção.

No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a

impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 1976, p.52).

Por meio de Barnabé Maluri, protagonista de *Tantã*, é possível vislumbrar a vida pelas retinas de um portador de deficiência mental e seu irmão caçula em uma constante luta por mais aceitação da sociedade e menos preconceitos. A saga dos irmãos Maluri nos remete ao conceito de verossimilhança (RICOEUR, 1994, p.69) que está atrelado à capacidade de demonstrar ao leitor, que mesmo se tratando de uma obra ficcional os fatos narrados são perfeitamente possíveis, portanto não transcorrem gratuitamente, atendendo a necessidade de representação de acontecimentos cotidianos de alguns leitores.

Representar seres verossímeis é representar sempre seres imprevisíveis, como nosso protagonista, por exemplo. Nunca antes na literatura mundial portadores de deficiência mental possuíram papel de tamanho destaque, transpondo todos os limites do óbvio e nos removendo do nosso lugar comum enquanto leitores. Cresce consideravelmente a necessidade de representação, e ao se falar de representação é preciso cogitar todos os públicos, sem exceção.

Essa indispensabilidade de sentir-se/fazer-se representado geram personagens cada vez mais próximos a nossa realidade. Seres que possuam as mesmas limitações, os meus sentimentos e sensações experimentadas por todos nos. Daí concluirmos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário (CÂNDIDO, 1976, p.53). Na caracterização do personagem o romance contemporâneo acaba fazendo o mesmo que fazemos quando nos representamos, ou seja, de maneira fragmentária. A diferença é que em nosso cotidiano o fazemos involuntariamente, enquanto que no romance, isso é construído por meio do enredo, linguagem e estrutura.

Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados [...] Essas considerações visam a mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos

nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, 1976, p.53-55).

Nem por isso a personagem é um ser menos profundo que o ser real, haja vista que os problemas enfrentados por Tantã e seu irmão Kleber, podem perfeitamente ser enfrentados por qualquer um de nós. Todos nós estamos sujeitos a gerarmos filhos com algum tipo de deficiência, todos corremos o risco de ficarmos órfãos (exceto os que já ficaram), Todos estamos à mercê de termos de abdicar de nossas vidas particulares e sonhos em prol de um irmão ou qualquer outro ente querido. E todas essas sensações podem ser sentidas por nós ainda que não sejamos portadores de algum tipo de deficiência e não tenhamos/conheçamos alguém nessas condições.

Verifiquemos, inicialmente, que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança. Tentemos uma investigação sumária sobre as condições de existência essencial da personagem, como um tipo de ser, mesmo fictício, começando por descrever do modo mais empírico possível a nossa percepção do semelhante (CANDIDO, 1976, p. 52).

Essa percepção do semelhante torna-se possível ao sentimento de empatia inerente aos seres humanos. Colocar-se no lugar do outro, padecer suas dores, suas angústias, seus medos, alegrias e prazeres, está diretamente ligado à essência dos sentimentos humanos. Segundo Paul Ricoeur: são as duas emoções trágicas que regulam a hierarquia das combinações possíveis: porque uma – a piedade – dirige-se ao homem que não mereceu sua infelicidade, a outra – o terror – à infelicidade de um semelhante (1994, p.75). Tantã e seu irmão Kleber, encaixam-se em ambas as categorias, pois não se poderia prever que Barnabé (Tantã) nascesse portador de deficiência mental, bem como não desejaram perder sua mãe tão precocemente, o que nos leva a refletir sobre suas vidas e as inúmeras dificuldades diárias por eles enfrentadas.

4 QUEM CONTA E O QUE CONTA EM TANTÃ? VOZES NARRATIVAS

Esses são os protagonistas da narrativa atual, mas são, também, seus narradores. No lugar daquele indivíduo poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por alguém que tem dúvidas, que mente e se deixa enganar. É um narrador suspeito [...] (DALCASTAGNE, 2001, p.114).

106

A pensar em Tantã enquanto personagem se faz necessário pensar em seu narrador e a maneira como este enredo é conduzido por ele. No entanto, a voz desse narrador e o papel que ele exerce não ficam claros durante toda trama. Faz-se necessária mais de uma leitura para que se consiga discernir a voz do narrador durante a estória. Trata-se de um narrador que não possui pleno controle da narração e assim, sua voz mescla-se com a voz de nosso protagonista, bem como com a voz de Kleber.

A epígrafe que inaugura este subitem é de Regina Dalcastagne em seu ensaio intitulado – *Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso*, que traz em sua escrita às mudanças referentes ao modo de construção da narrativa nos últimos anos. Para Theodor W. Adorno, a posição do narrador “se caracteriza, hoje, por um paradoxo: não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija a narração” (1983, p.55).

A escrita de modo direto de Marie Aude-Murail, nos permite sentir os sentimentos de Tantã frente às situações por ele vividas por meio de suas próprias retinas, sem a intervenção direta do narrador, muito embora este também participe das narrativas, mas não como narrador onisciente. A impressão que se tem é que ele também se trata de um observador das ações de Tantã.

Na citação a seguir, Dalcastagne se refere a Gaspar protagonista da obra *Gaspar e a linha Dnieperpetrovski*, de Sergio Capparelli publicado em 1998. No entanto, as palavras da autora se encaixam perfeitamente em relação a Tantã:

O processo todo começa pela reação frente ao sujeito que fala. Devemos aceitar o que ele diz só porque é o narrador, ou ao contrário, desconfiar de suas palavras

porque é apenas um menino? A voz de um retardado mental é menos digna de atenção que a de um renomado professor de História? E quando quem narra é um desmemoriado? Ou um paranóico? Se imbuídos de um espírito democrático, declaramos que todos têm igual legitimidade, por que nos questionamos sobre o que “de fato” teria acontecido com aquele menino ou com aquele deficiente mental? E por que essa pergunta não parece tão pertinente quando se trata de um professor de História? (DALCASTAGNE, 2001, p.115).

Nossa reação perante a voz desse sujeito causa estranhamento por Tantã ser portador de deficiência mental e falar de si próprio. Sua idade intelectual não permite ao leitor confiar inteiramente no que ele afirma sobre si mesmo; é exatamente por isso que Marie Aude-Murail utiliza o narrador como ponte entre Tantã e suas memórias e sentimentos. Trata-se de um narrador observador, mas muito bem informado acerca de nosso protagonista.

O “retardado mental” e o professor de história acima citados, correspondem respectivamente às obras *A barca dos homens*, de Autran Dourado e *Uma noite em Curitiba*, de Cristovão Tezza, mas se aplicam perfeitamente a *Tantã*. Atribuir voz a um indivíduo que julgamos incapaz de falar de si próprio nos causa estranhamento:

Pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros. O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais. O momento antirrealista do romance moderno, sua dimensão metafísica, amadurece em si mesmo pelo seu objeto real, uma sociedade em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo (ADORNO, 1983, p. 58).

A Literatura Contemporânea pode ser um instrumento para auxiliar na diminuição desse estranhamento. Por meio de personagens como Barnabé Maluri, nosso encantador Tantã, é possível olharmos para pessoas que partilham dos mesmos problemas que ele enfrenta com outros olhos. Permitir que eles sejam narradores e protagonistas de suas próprias histórias e não apenas meros coadjuvantes é permitir que uma nova escrita nasça e conseqüentemente um novo público/leitor também.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. . Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJMAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. Traduções de José Lino Grünnewald [et al.]. 2. ed São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.55-63.

BASTOS, Maria Olga; DESLANDES, Suely Ferreira. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000100013&script=sci_arttext
Acesso em: 26 out. 2013.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In.: _____. **Vários Escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A personagem do romance. In: ____ et al. **A Personagem de Ficção**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DALCASTAGNE, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**, n. 3, 2001, p. 114-130. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/162/16200305.pdf> Acesso em: 27 jul. 2014.

MARTA, Alice Áurea Penteado, **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU. , 2011.

MURAIL, Marie-Aude. **Tantã**. Comboio de cordas, São Paulo, 2009. Tradução: Rita Jover.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo 1). Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

Artigo aceito em dez. 2014.